

COSTA, Cristine Ferreira. Análise histórica da formação de plural em palavras terminadas por –al: uma interpretação segundo a Teoria da Otimidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006. [<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>].

ANÁLISE HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DE PLURAL EM PALAVRAS TERMINADAS POR –AL: UMA INTERPRETAÇÃO SEGUNDO A TEORIA DA OTIMIDADE

Cristine Ferreira Costa¹

costa.cristine@superig.com.br

RESUMO: Neste artigo, abordamos a formação do plural em palavras da Língua Portuguesa terminadas por *-al* (doravante formação *-alS*). Descrevemos o percurso histórico dessa formação a partir de dados extraídos de textos coletados no RS, escritos nos séculos XVIII, XIX e início do século XX. As mudanças relacionadas à formação *-alS* são explicadas a partir do rearranqueamento de restrições nos moldes da Teoria da Otimidade.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da Otimidade; mudança lingüística; formação de plural.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, abordamos a formação do plural em palavras da Língua Portuguesa terminadas por *-al* (doravante formação *-alS*). Na seção 1, descrevemos o percurso histórico dessa formação, com base em Teyssier (1997), Williams (1961) e Câmara Jr. (1976). Na seção 2, apresentamos dados extraídos de textos coletados no RS, escritos nos séculos XVIII, XIX e início do século XX. A informação etimológica de alguns desses dados, bem como as ocorrências de alguns termos encontrados ainda no português arcaico, é extraída do *Dicionário Eletrônica da Língua Portuguesa Houaiss*. Nas seções 3 e 4, interpretamos as mudanças que ocorreram nessa formação segundo a Teoria da Otimidade. Para tanto, na seção 3, apresentamos o tratamento da mudança

¹ Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora de Lingüística e Língua Portuguesa do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE.

lingüística segundo a proposta de Zubritskaya (1997) e Holt (1997). Na seção 4, aplicamos o método de análise a partir de restrições para as diferentes fases do fenômeno.

1. O PERCURSO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO *-ALS*

Em português, a informação de plural está associada à presença de *-S*, como pode ser observado em *rosa* (singular) e *rosas* (plural). No entanto, o acréscimo de *-S* pode levar a sílaba final da base a sofrer alterações fonológicas se for travada pelas consoantes *-s*, *-n*, *-r* e *-l*. Neste artigo, nos deteremos ao processo de formação de plural em palavras terminadas por *-al*.

O percurso histórico da formação de plural de palavras terminadas em *-al* apresenta diversos pontos obscuros². O primeiro refere-se à síncope de *-l*. Houve, conforme Teyssier (1997:48), um momento na história da língua portuguesa em que várias consoantes foram perdidas, dentre elas o *l* intervocálico. A formação de hiatos ocorrida no galego-português, por consequência da queda de diversas consoantes, *em particular -d-, -l- e -n-*, deu início a evoluções que acabaram com esses hiatos.

Com base no autor (Teyssier, 1997:52), um dos mecanismos observados para que se desfizessem esses hiatos foi a contração das duas vogais orais num ditongo oral: “a pronúncia monossilábica de certos grupos de vogais em hiato produz ditongos. Assim, *a-e* dará *ae*, que se confundirá com *ai*; ex.: *sina-es* (plural de sinal) > *sinaes* > *sinais*.” É interessante observar que essa síncope deve estar restrita à formação de plural³. Se admitíssemos que *-l* cai em formas como essa, teríamos dificuldade em explicar, em termos sincrônicos, a ressilabação de *-l* em formas como *"sinal* existe, que mantêm a líquida lateral.

O segundo ponto obscuro refere-se à presença de *-e*. Há duas possibilidades de interpretação dessa vogal. a) Postulamos que *-e* está presente na representação subjacente, como em **sinale*, e daí pressupomos que *-e* só surge na superfície através da

² Esses pontos provêm das dificuldades com as quais um pesquisador se depara ao realizar um estudo diacrônico: primeiro, é difícil determinar um fenômeno lingüístico a partir da escrita de textos antigos, pela própria inexistência de dados. Segundo, talvez a escrita reflita processos/estágios de mudança que sequer tenham existido na oralidade, ou o contrário.

³ Sem dúvida, o processo de síncope ocorrido em palavras como *dolore - dor* é diferente, já que a supressão de *-l* aconteceu na raiz de palavras cuja consoante líquida não era geminada. Segundo Williams (1961:80), somente em palavras eruditas e semi-eruditas não houve essa queda, como em **alecrem - alegre; calorem - calor*.

formação de plural. b) Admitimos que *-e* é inserido por um processo de epêntese para desfazer a seqüência agramatical **LS* em coda, como em **sinals*.

Câmara Jr. (1970:95) considera a presença de *-e*, ou seja, adota a hipótese apresentada em “a”. Conforme o autor, em palavras onde o /l/ pós-vocálico não é posterior a /i/, “dá-se a supressão do /l/ e a ditongação da vogal temática (/i/ átono final passa de silábico a assilábico). Ex.: **animale*: **anima(l)es*: animais; **anzole*: **anzo(l)es*: aonzóis; **papele*: **pape(l)es*: papéis; **azule*: **azu(l)es*: azuis.” Esses nomes terminados por consoante no singular “têm uma forma teórica em *-e*” (Câmara Jr, 1970:86). Daí que, com o acréscimo do *-S* plural, há a queda do /l/ e a ditongação do *-e* existente na forma teórica.

O problema dessa interpretação, segundo Lipski (apud Tasca, 2003:332), reside no fato de que se atribui com isso “uma proeminência muito maior do que se pode justificar pela observação ao conceito de pluralização”. Realmente, em termos sincrônicos, parece pouco provável que haja um processo de apócope dessa vogal final para produção da forma singular. Teríamos que admitir na representação subjacente de palavras terminadas em *-al* a presença de um *-e* que só se manifestaria na forma plural. Se assim admitíssemos, teríamos que explicar por que formas como *vale*, por exemplo, não sofrem esse processo de apócope, mudando para **val*.

Na hipótese apresentada em “b”, a presença de *-e* faz-se necessária para desfazer um encontro consonantal não possível na língua. Nesse caso, na forma subjacente, essa vogal não estaria mais presente. Com a adjunção de *-S* plural, criar-se-ia a forma agramatical **sinals*. Através da epêntese de *-e*, esse encontro seria desfeito para boa formação silábica. Essa hipótese é atrativa, contudo, apresenta um problema. Teríamos que explicar porque após essa inserção há a queda de *-l*, ou seja, porque a língua não permite formas como **animales*, que apresentariam padrões silábicos bastante comuns (menos marcado) à nossa língua.

Há uma terceira possibilidade de interpretação para os plurais terminados em *-l*: a que considera a criação de “i” por meio de um processo de vocalização. Para Tasca (2003:327), há “a conversão da lateral /l/ no glide /j/, na coda silábica”. A autora admite que a lateral deve possuir propriedades em comum com as semivogais [w] e [j], uma vez que a vocalização de *-l* em coda silábica é muito comum no Português Brasileiro. Entretanto, essa interpretação também apresenta problemas. Primeiro, não se explica, ao certo, o que motiva [j] e não [w] na formação de plural, já que poderíamos ter tanto a forma **animaus* e *animais* quanto *normais* e **normaus*. Segundo, a própria evolução

das formas em *-al* contradiz essa hipótese. Todos os autores consultados - Câmara Jr. (1976), Williams (1961), Nunes (1945), Said Ali (1931), Teyssier (1997) - são unânimes em dizer que houve queda da lateral para a formação do plural:

Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal, males e cônsul, cônsules*. No plural dos demais nomes dá-se o desaparecimento de *l* [e substituição de *e* por *i*]: *dedais* (por *deda(l)es*); *lençóis* (por *lenço(l)es*). (Said Ali, p.58-59)

Como é sabido, o plural em *-aes, -eis (=ees), -is (=iis ou ies), -oes e ues* dos nomes terminados em *-al, el, il, ol, ul* é devido à queda do *l* intervocálico. (Nunes, p.229)

A queda do *l* intervocálico, regular na evolução do consonantismo português, criou o contato da vogal *-e* do tema com a vogal tônica precedente, e daí resultaram processos de ditongação. (Câmara Jr., p.79-80)

Os hiatos produzidos pela queda de numerosas consoantes desencadearam um processo de revisão que provocou o enriquecimento do sistema fonológico das vogais no decorrer dos séculos XIV e XV. (Teyssier, p. 54)

Se não houve a passagem direta de *l > i* na formação de plural, como interpretar essa formação na atualidade? Como vimos, a presença do tema *-e* nas representações subjacentes de palavras terminadas por *-l* traz problemas porque teríamos que explicar por que o processo de apócope não atinge outras formas que terminam por essa vogal. Do mesmo modo, se postularmos que *l* intervocálico cai, não teríamos também como explicar por que existem palavras que não são afetadas, como *vales* (e não **vais*).

Além dessas questões, nada garante que tenha existido a forma intermediária *-aes* (*quaes*) apontada por diversos autores. Ao menos na escrita, essa forma pode ser encontrada em textos do século XV, e vigorou até início do século XX no Brasil. Sabe-se, no entanto, que “as grafias não seguem as evoluções fonéticas” (Teyssier, 1997:53). Para esse autor, “obstina-se em conservar as letras que figuravam nas formas etimológicas dos novos ditongos (ex. *sinaes, mao, ceo*)...”.

Talvez essas questões sejam um pouco aclaradas se observarmos o processo de evolução de palavras terminadas por *-l*. Williams (1961:59) apresenta um dado interessante sobre a evolução dessas palavras.

2. Se o *e* era o som final da palavra em latim vulgar e era precedido por um *l, n, r, s* ou *c* simples ou pelo grupo *t + i* antecedido de vogal, então ele caía: *male > mal; solem > sol...*

3. Se o *e* não era o som final da palavra, não caía, embora fosse precedido por *l, n, r, s*, ou *c*, ou pelo grupo *t + i*; esse fato se revela bem no plural de alguns dos substantivos e verbos relacionados na seção 2 *supra*: *soles > sóis...* (grifo nosso)

Houve, portanto, queda do *-e* nas formas do singular. No plural, a queda do *-l* ocorreu, segundo Nunes (1945:109), devido a um processo de guturalização.

Deu-se esta queda do *-l-* que, parece, foi precedida e resultante da guturalização, no decorrer do século XII...; aqueles vocábulos, portanto, que, contrariamente à lei, conservam o *-l-*, ou foram introduzidos na língua em época em que a sua queda já deixara de operar-se ou refeitos segundo o modelo latino; uns e outros pertencem ao número dos chamados literários ou cultos;

Esse processo de guturalização surgiu do costume de “se pronunciar o *l* unido à vogal que o precedia, ficando assim em fim de sílaba, de aí a sua queda” (p.109). Podemos pressupor, portanto, que a lateral em palavras que não sofreram a síncope do *-l* foi mantida em coda silábica⁴. Para Câmara Jr. (1976:80), houve diretamente a ditongação em nomes com as vogais /a, o, u/ precedentes a /l/: “o mecanismo da supressão do /l/ e ditongação ficou a regra geral”. Ou seja, segundo o autor, houve simultaneamente a perda do *-l* e a ditongação de *-e*.

Em síntese, vimos que a análise histórica dada à formação de plural de nomes terminados em *-al* apresenta alguns pontos controversos. O primeiro refere-se à queda do *-l-* intervocálico, amplamente apresentada pelos autores consultados. Certamente, a passagem do latim para o português implicou a perda de várias consoantes intervocálicas. Uma dessas consoantes foi realmente *-l-*: *dolorem* > *door* > *dor* (Williams, 1961:80). No entanto, embora os autores consultados exemplifiquem esse tipo de processo a partir da formação de plural de algumas palavras, como *soles* > *sóis*, não podemos pensar que a base dessas formas não contém o *-l*. Ao nosso ver, a queda de *-l-* para formação de plural é bastante restrita a esse tipo de formação.

Outro ponto refere-se à permanência ou não de *-e*. Segundo Williams (1961:59) houve a queda do *e* em final de palavra antecedido por *l, n, r, s*. Pressupomos que esse processo tenha ocorrido antes da perda do *-l-* intervocálico. Na realidade, partimos da hipótese de que a forma *input* dos nomes terminados em *-al* não possuía mais a vogal *e*, perdida ainda na época do latim vulgar.

O estudo deste artigo é baseado em textos que compreendem o Português Arcaico - séculos XIII e XV - até a atualidade. Apoiamos-nos em Teyssier (1997) e determinamos pelo menos três fases para análise do percurso da formação de plural:

⁴ Em latim, “a vogal silábica podia ser travada por qualquer consoante, oclusiva, constrictiva, nasal ou líquida; e a sibilante podia se seguir a essa consoante de travamento”. (Câmara Jr., 1976:57) após a evolução da língua, o grupo de consoantes que podem travar sílaba limitou-se bastante.

1ª - Inserção de *e* para satisfazer formação silábica. Ex. Séc. XIII "*atales*".

2ª - Queda de *l* intervocálico devido ao acréscimo de *e* para formação plural. Ex. Séc. XV "*liberaees*".

3ª - Contração de duas vogais orais num ditongo oral. Ex. Séc. XIX "*quais*"⁵.

A partir do reconhecimento desses três processos, propomos uma análise a partir de restrições. Antes, porém, apresentamos nossos dados.

2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Nesta pesquisa, analisamos cerca de 130 textos históricos escritos entre os séculos XVIII, XIX e início do século XX. Desses textos, destacamos trinta e sete palavras com terminação em *-al*. Buscamos a etimologia de cada palavra no *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Desse dicionário, extraímos algumas formas anteriores aos séculos XVIII e XIX. Abaixo, apresentamos um quadro com a evolução de algumas dessas palavras⁶.

⁵ Segundo Teyssier (1997), a ditongação já estaria concluída ainda no século XV. O fato de não encontrarmos formas mais antigas escritas com *i* não implica que esse processo tenha ocorrido só no século XIX, como poderia ser interpretado.

⁶ As palavras de origem recente não foram consideradas.

FORMA LATINA ⁷	EVOLUÇÃO	
	Formas extraídas do dicionário	Formas extraídas dos textos
talis, e	SXIII: <i>taes</i> - SXIV <i>atales</i> ⁸ / <i>taães</i> / <i>táães</i> / <i>taees</i> -	SXIX (1811, 1832): <i>taes</i>
signalis, e	SXIII: <i>sinaes</i> -	SXIX (1835): <i>signaes</i>
qualis, e	SXIII (1214): <i>quaes</i> / (1272): <i>quales</i> -	SXVIII (1756): <i>quaes</i> - SXIX (1823)/(1889): <i>quais</i> - (1839): <i>quaes</i> - SXX (1929): <i>quaes</i>
liberalis, e	SXV: <i>liberaaes</i> / <i>liberaees</i> -	SXX (1929): <i>liberaes</i>
vocalis, is	SXIV: <i>uogaes</i> - SXV: <i>uogaees</i> -	SXIX (1831): <i>vogaes</i>
imperialis, e	-x-	SXIX (1842): <i>imperiaes</i>
regalis, e	SXV: <i>rreaaes</i>	SXVIII (1771): <i>reais</i>
casalis, e	SXIII (1255): <i>casaes</i> - SXIV (1325): <i>cassaaes</i>	SXVIII (1771): <i>cazais</i>
officialis, is	SXIV: <i>offeziaaes</i> - SXIV <i>offiçiães</i> - SXV <i>hoffyçiaees</i> SXV <i>oficiais</i>	SXVIII (1756): <i>officiães</i> , <i>officiais</i> - SXIX (1837): <i>oficiaes</i> - SXX (1918): <i>officiaes</i>
diurnalis, e	SXIV (1365): <i>jornaaes</i>	SXIX (1832): <i>jornaes</i>
actualis, e	SXV: <i>autuaaes</i>	SXX (1918): <i>actuaes</i>
specialis, e	SXIV <i>speciaes</i>	SXX (1918): <i>especiaes</i>
animal, alis	SXV: <i>animaees</i> - SXV: <i>anjmays</i>	SXVIII (1756): <i>animais</i> - SXVIII (1979): <i>animaes</i> - SXVIII (1785): <i>animmaes</i> / (1795): <i>animais</i> - SXIX (1838): <i>animais</i>
provincialis, e	SXV: <i>provemçiaaes</i>	SXIX (1889): <i>provinciaes</i>
cerealis, e	-x-	SXIX (1889): <i>cereaes</i>
metalum, i	SXIV: <i>metaaes</i>	SXIX (1819): <i>metaes</i>

Quadro 1: Dados

As fases observadas em nosso estudo correspondem aos seguintes períodos históricos: período arcaico (até o século XV) e período moderno (a partir do séc. XV). É interessante observar no quadro acima algumas ocorrências. Na palavra *animal*, por exemplo, temos uma ocorrência com *y*, gerada pela confusão de grafia. Geralmente, a vogal *i* era também representada por *y* ou *j*. Isso quer dizer que a ditongação já estava presente no século XV. Por outro lado, também no século XV, encontramos formas como *hoffyçiaees* e *liberaees*, que parecem confirmar a existência de um período com hiato.

Segundo Williams (1961:38), as vogais duplas “se desenvolveram pela queda de uma consoante intervocálica”. Eram “usadas em lugar de vogais tônicas simples, após a queda de consoantes intervocálicas”, como *quaaes*. Ora, conforme nosso quadro, é

⁷ Não consideraremos nesta transcrição a duração vocálica.

⁸ A presença de "a" nessa forma provavelmente se deva ao grupo clítico "a tales".

muito mais comum a duplicação do *a*, ao invés do *e*. Mas porque *e* foi duplicado? Nossa hipótese é a de que talvez esse segmento fosse realmente pronunciado como *e*, o que confirmaria esse estágio apontado por Teyssier (1997). Em síntese, observamos que, no período anterior ao século XV, é muito mais comum a escrita do plural com *e*. Por outro lado, a escrita com o ditongo *ai* é muito mais freqüente nos séculos XVIII em diante.

3. MUDANÇA LINGÜÍSTICA E TEORIA DA OTIMIDADE (TO)

Dentro do âmbito de teorias formais, a mudança lingüística tem recebido tratamentos diversos. Na teoria gerativa, por exemplo, a mudança é representada por estágios discretos formalizados por regras. O fenômeno aqui abordado - formação de plural de nomes terminados por *-al* - obedeceria, segundo essa perspectiva, os seguintes estágios:

- 1) "animal" + S
- 2) /l/ → Ø / V_V
- 3) /e/ → j / /a/_

Como vimos na seção anterior, Câmara Jr. (1976) considera que a síncope do *-l-* e a ditongação ocorreram simultaneamente. Já para Teyssier (1997) a ditongação foi resultado da criação de muitos hiatos provenientes da queda de diversas consoantes, dentre elas, o *-l-* intervocálico. Se adotássemos a interpretação de Câmara Jr. ou a posição de Teyssier para explicação diacrônica dessa formação nos moldes da teoria gerativa, encontraríamos pelo menos os seguintes problemas: como explicar a preservação de *-l-* intervocálico em palavras como "vale"? Como propor a queda de */e/* para formação do singular, caso fosse considerada a presença dessa vogal no *input*, se em palavras como "tabule" não ocorre essa síncope? Como explicar, com base em Câmara Jr., a aplicação simultânea de duas regras - apagamento e ditongação - se a teoria prediz um ordenamento intrínseco de regras?

Sob a perspectiva da Teoria da Otimidade (TO) parece não existir tais problemas. Ao lado de teorias gerativas, a TO rompe definitivamente com a noção de regra. Para a TO, a Gramática Universal (GU) constitui-se de restrições que podem ser violadas. Essas restrições recebem um ranking diferente de língua para língua.

As restrições ranqueadas no topo da hierarquia são as mais cruciais para a determinação da forma *output*. Aliás, ao contrário de modelos derivacionais, cuja base para aplicação de regras é a forma *input*, a TO se orienta a partir do *output*. Formas não atestadas são eliminadas pela gramática porque violam restrições mais altas na hierarquia.

Segundo Zubritskaya (1997:122), o mecanismo da mudança opera através do rerranqueamento de famílias de restrições em conflito com alguma outra restrição: “uma mudança de som opera através do rerranqueamento de uma restrição individual com relação a uma sub-hierarquia de restrições inteira”.

Neste estudo, compartilhamos da hipótese de que a mudança reflete um rerranqueamento de restrições, segundo Zubritskaya. Contudo, embora admitamos que a variação é um estágio anterior à mudança, não temos como capturar essa variação na diacronia. Adotamos, por isso, os pressupostos de Holt (1997).

Holt analisa um processo fonológico histórico do português e do espanhol a partir da Teoria da Otimidade. Nesse estudo, Holt propõe estágios diacrônicos que exibem uma certa hierarquia de restrições. Conforme o autor (Holt, 1997:02),

... several characteristics that distinguish Spanish from Portuguese can be attributed to the divergent ranking of a limited number of constraints. We will see that the history of these languages is composed of a series of stages, each of which exhibits a specific constraint hierarchy. This must be understood in diachronic terms, not in serially derivational ones, which would be antithetical to the tenets of OT, which in its strongest form allows for only a single step from base to surface. That is, I propose a series of stages in the OT grammar, but these are to be understood as historical stages, not intermediate stages of a single synchronic grammar. To support these assertions, I present and motivate a series of phonological structure conditions (constraints) whose interaction and relative importance account for the historical changes addressed here.

Portanto, a mudança representada em nossos *tableaux* reflete estágios históricos. Os tipos de restrições adotados em nossa análise são 1) restrições de marcação; 2) restrições de fidelidade. Na seção seguinte, descrevemos essas restrições e apresentamos nossa análise.

4. ANÁLISE DA FORMAÇÃO *-ALS* A PARTIR DE RESTRIÇÕES

As restrições adotadas neste estudo são apresentadas a seguir.

1) *Restrições de marcação*

***ls]σ**

Proibido a seqüência lateral + obstruinte em coda silábica.

***CODA-COMPLEXA: *CC]σ**

Codas devem ser simples.

ONSET

Proibido sílabas sem onset.

2) *Restrições de fidelidade*

DEP-IO

Output deve ter segmentos correspondentes no input.

MAX-IO

Input deve ter segmentos correspondentes no output.

Como já apresentado na seção 1, determinamos três fases distintas para a formação de plural em palavras terminadas por *-al*. Essas fases são retomadas a seguir.

1^a - Epêntese de *e*;

2^a - Apagamento de *l* intervocálico;

3^a - Ditongação.

A primeira fase da formação *-als* prevê a inserção de um segmento *e* cuja função é desfazer a seqüência **ls* criada a partir do acréscimo da desinência de plural *-s*. Esse processo, segundo Câmara Jr. (1976:57), parece ser proveniente da evolução do latim para o português, já que em latim “a vogal silábica podia ser travada por qualquer consoante, oclusiva, constrictiva, nasal ou líquida; **e a sibilante podia se seguir a essa consoante de travamento**” (grifo nosso). Isso nos leva a concluir que, nessa primeira fase do português, essa restrição parece estar numa posição alta no *ranking*, já que esse

tipo de seqüência foi desfeito. Ao mesmo tempo, a restrição que proíbe a inserção de segmentos no *output* deve estar ranqueada mais abaixo.

No *tableau* 1, apresentamos a relação entre as restrições $*ls]σ$ e DEP-IO:

/tal-s/	$*ls]σ$	DEP -IO
a. ta.les		*!
b. tals	*!	
c. ☉ ta_s ⁹		

Tableau 1

O *tableau* acima prediria a escolha equivocada do candidato **c**. Por isso, admitimos que haja pelo menos mais uma restrição - MAX-IO - para descartar esse tipo de candidato.

/tal-s/	$*ls]σ$	MAX-IO	DEP -IO
a. ☉ ta.les			*
b. tals	*!		
c. ta_s		*!	

Tableau 2

Nesse *tableau*, MAX-IO deve dominar DEP-IO, já que é preferível, nesses casos, inserir um segmento que apagá-lo. As restrições $*ls]σ$ e MAX-IO não estão ranqueadas entre si, visto que a dominação de uma sobre a outra não muda o resultado, ou seja, elas não estão em conflito.

Outros candidatos podem ser cogitados, uma vez que não há restrições aos tipos de *output* criados por GEN. Nesse momento da análise, precisamos considerar duas novas restrições: $*CC]σ$, que proíbe codas complexas, e ONSET, que proíbe sílabas sem onset.

/tal-s/	$*ls]σ$	ONSET	$*CC]σ$	MAX-IO	DEP -IO
a. ☉ ta.les					*
b. tals	*!		*		
c. tas				*!	
d. ta.es		*!			
e. tais			*!		

Tableau 3

⁹ O símbolo _ indica apagamento de um segmento que existia no *input*.

Conforme o *tableau*, o candidato “a” ainda é o vencedor, já que viola apenas DEP. O candidato “b” viola a restrição alta *l_s]σ e CODA-COMPLEX *CC]σ. O candidato “c” viola MAX por apagar l. O candidato “d” viola ONSET, pois possui uma sílaba sem onset. Finalmente, o candidato “e” viola apenas CODA-COMPLEX *CC]σ. As linhas tracejadas informam que as quatro primeiras restrições não possuem um ranking entre si. Todas, no entanto, dominam DEP. Resumindo, o ranking da primeira fase de nosso estudo é apresentado a seguir.

*l_s]σ, ONSET, *CC]σ, MAX-IO >> DEP -IO

Começamos agora a analisar a fase II, em que há a perda de -l- intervocálico. No *tableau* abaixo, apresentamos o ranqueamento que produz o candidato ótimo de nossa segunda fase.

/tal-s/	*l _s]σ	*CC]σ	MAX-IO	DEP -IO	ONSET
a. ta.les				*!	
b. tals	*!	*			
c. tas			*!		
d. ☹ ta.es					*!
e. tais		*!			

Tableau 4

Conforme o *tableau*, a forma "tales", *output* ótimo da fase anterior, não é mais escolhida. O ranqueamento com essas restrições nos permite selecionar como ótimo o candidato “d”. De acordo com o *tableau*, as restrições *l_s]σ , *CC]σ, MAX e DEP passam a dominar ONSET. O candidato ótimo “d” viola apenas essa restrição, baixa na hierarquia, e, por isso, é escolhido. O ranking da fase II é apresentado abaixo.

*l_s]σ, , *CC]σ, MAX-IO, DEP -IO >> ONSET

Por fim, abaixo, apresentamos a análise do output “e”, *tais*, candidato ótimo de nossa fase III.

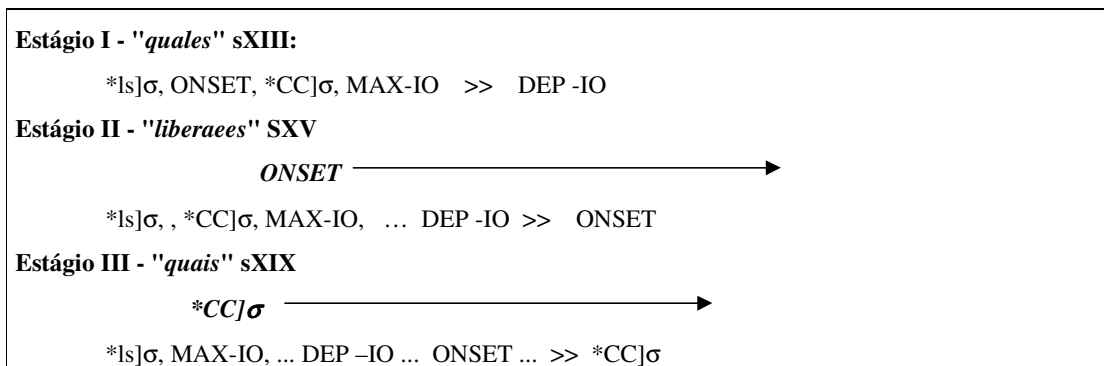
/tal-s/	*l _s]σ	MAX-IO	DEP -IO	ONSET	*CC]σ
a. ta.les			*!		
b. tals	*!				*
c. tas		*!			
d. ta.es				*!	
e. ☺ tais					*

Tableau 5

Segundo o tableau, CODA-COMPLEX *CC]σ passa a ser dominada por *ls]σ, MAX, DEP e ONSET. O Candidato “e” viola apenas a restrição COMPLEX, baixa no sistema, e, por essa razão, é selecionado. O ranking da fase III de nosso estudo é o seguinte.

*ls]σ, MAX-IO, DEP -IO, ONSET >> *CC]σ

A partir desses resultados, passamos a analisar o percurso histórico da formação de plural com base nos rankings apresentados anteriormente. O quadro abaixo apresenta os diferentes ranqueamentos para cada estágio.



Quadro 2: Demoção de restrições

Do estágio I para o II, há a demção da restrição ONSET, ranqueada acima de DEP-IO. A passagem do estágio II para o estágio III também envolve a demção de outra restrição: CODA-COMPLEX *CC]σ passa a ser dominada neste momento.

As duas demções ocorridas no percurso histórico da formação de plural em –als, como podemos perceber, envolvem duas restrições de marcação. Essas demções, dentre outras alternâncias, é um dos processos que leva à mudança lingüística (Holt, 1997:48). Vale salientar que a mudança analisada aqui ficou restrita ao ranking. Não houve reestruturação da representação subjacente, ou seja, não parece ter havido mudança no input, nesses casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, analisamos o percurso histórico da formação *-alS*. Para tanto, postulamos três estágios distintos para essa formação de plural: o primeiro refere-se à inserção de *e* para satisfazer formação silábica - por exemplo, séc. XIII "*atales*" -; o segundo, reflete a queda de *l* intervocálico devido ao acréscimo de *e* para formação plural - por exemplo, séc. XV "*liberaees*"-; e o terceiro, refere-se à contração de duas vogais orais num ditongo oral - por exemplo, séc. XIX "*quais*".

Interpretamos essa mudança histórica a partir da proposta da Teoria da Otimidade. A formação *-alS*, segundo nossa análise, é caracterizada pela demção das restrições ONSET e *CC]σ. Nesse processo, essas duas restrições são enfraquecidas no Português Moderno, pois passam para uma posição mais baixa no *ranking*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAMARA JR. J. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
2. HOLT, D. *The role of the listener in the historical phonology of spanish and portuguese: an optimality-theoretic account*. Washington: Georgetown University, 1997) (Dissertation - ROA).
3. KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge University Press, 1999.
4. NUNES, J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1945.
5. TASCA, M. O plural dos nomes terminados em -l: um estudo variacionista. In: HORA, D e COLLISCHONN. *Teoria Lingüística*. Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
6. TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
7. WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Instituto Nacional do livro/MEC, 1961.
8. ZUBRITSKAYA, K. Mechanism of sound change in Optimality Theory. In *Language Variation and Change*. Cambridge University Press. Nº9, 1997.

RESUMO: Neste artigo, abordamos a formação do plural em palavras da Língua Portuguesa terminadas por *-al* (doravante formação *-alS*). Descrevemos o percurso histórico dessa formação a partir de dados extraídos de textos coletados no RS, escritos nos séculos XVIII, XIX e início do século XX. As mudanças relacionadas à formação *-alS* são explicadas a partir do rerranqueamento de restrições nos moldes da Teoria da Otimidade.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da Otimidade; mudança lingüística; formação de plural.

ABSTRACT: In this paper, we approach the plural formation of nouns that end with an *-al* (*alS*-formation). We extracted the data needed for analyses into texts collected in RS. This texts were written in the centuries XVIII, XIX and beginning of the century XX. The historical change of the *alS*-formation is explained through constraint reranking in Optimality Theory.

KEYWORDS: optimality theory; phonological change; plural formation.